

DIÁRIO DE BITITA (1986) E PEDAÇOS DE FOME (1963) DE CAROLINA MARIA DE JESUS À LUZ DA CARTOGRAFIA LITERÁRIA

Marinete Luzia Francisca de Souza¹
Wesley Henrique Alves da Rocha²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo, à luz da cartografia literária proposta por Franco Moretti, refletir acerca dos deslocamentos espaço-temporais da escritora afro-brasileira Carolina Maria de Jesus, tendo como *corpus* do estudo as obras *Diário de Bitita* (1986) e *Pedaços de Fome* (1963). Lançar o olhar da cartografia nas obras supracitadas nos permite entrever que os deslocamentos da escritora foram forçados, visando sempre o trabalho/subsistência ou a busca de tratamento médico, além disso, permite apreender os modos pelos quais a escritora significa os espaços percorridos por ela. Ademais nota-se São Paulo como a terra prometida que não correspondeu às expectativas. O que propomos aqui foi apenas uma leitura possível acerca das movimentações de Carolina, sob uma perspectiva cartográfica, afinal, conforme Moretti (2003, p. 18), a boa cartografia deve permitir mais do que uma única linha de pensamento.

Palavras-chave: cartografia literária, testemunho, autobiografia, Carolina Maria de Jesus.

Introdução

Pretendemos neste artigo refletir acerca do testemunho autobiográfico de Carolina Maria de Jesus, presente em sua obra intitulada *Diário de Bitita* (1986) sob uma perspectiva cartográfica. Além disso, apresentar possíveis reflexões e aproximações acerca das influências desta cartografia autobiográfica em seu único romance publicado *Pedaços de Fome* (1963).

¹ Doutora em Letras pela Universidade de Coimbra. Docente na Pós-graduação em Estudos de Linguagem (UFMT) e do Curso de Letras do Campus Universitário do Araguaia (UFMT/IL). E-mail: marineteluzia2@gmail.com.

² Bacharel em Psicologia. Mestrando do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem (UFMT). E-mail: wesley020794@gmail.com.

Moretti (2003) propõe a cartografia, ou seja, o uso de mapas, como ferramentas analíticas, que, de maneira incomum, tornam possíveis a apreensão de relações que de outro modo poderiam ficar ocultas dentro da obra; sendo assim, os mapas literários acabam por nos permitir ver a natureza espacial das formas literárias, bem como trazem à luz a lógica interna da narrativa.

Ribeiro (2015, p. 01), por sua vez, define a cartografia como a “ciência que estuda a representação do espaço, cujo principal objeto de investigação é o mapa [...] a cartografia literária é o ramo de estudos que investiga as relações dos mapas com o espaço dos textos literários”. Sendo assim, tendo o mapa como ferramenta analítica, a cartografia não corresponde ao território em si, mas sim de um signo, de uma representação, que por sua vez irá traduzir, de maneira visual as relações que estruturam o objeto. Em suma, o mapeamento dos movimentos internos do objeto pode ser considerado como um dispositivo comunicacional, que fornece um guia de referência do espaço, lançando novo olhar sobre a história narrada.

Carolina Maria de Jesus — mulher, negra, pobre, catadora de recicláveis, ou seja, pertencente a condições de exclusão —, frequentou a escola somente o tempo necessário para aprender a ler e escrever, a partir daí começou a fazer registros sobre seu dia-a-dia, sobre como era morar na favela. Coletava livros e cadernos do lixo, nos quais escrevia, ou melhor, “escrevivenciava” suas obras, visto que suas vivências conduziram explicitamente suas produções, sendo ela ao mesmo tempo objeto e sujeito de sua escrita.

Foi descoberta pelo jornalista Audálio Dantas, que presenciou uma cena em que Carolina Maira de Jesus discutia com seus vizinhos, ameaçando colocá-los em seu livro. A curiosidade do jornalista tornou o desejo de Carolina possível, já que Dantas a ajudou na publicação de um dos livros mais conhecidos, *Quarto de despejo* (1960), sua obra de maior sucesso. Em vez de trabalharmos com esse livro mais conhecido, nós nos ateremos às obras *Diário de Bitita*, obra póstuma da autora, publicada no Brasil em 1986, e seu único romance publicado, *Pedaços de Fome*, publicado em 1963.

Arruda (2015, p. 64) nos esclarece que, apesar de ter no título a palavra “diário”, *Diário de Bitita* não pertence a essa categoria literária, pois “o livro se encaixa no rol das chamadas autobiografias [...]. Nele, a Carolina adulta e já conhecida volta à infância para relatar suas origens e sua formação”. Os fatos narrados na obra compreendem o

período entre 1914, ano do nascimento de Carolina na cidade mineira de Sacramento, e 1937, ano de sua migração definitiva para a cidade de São Paulo, sendo assim sua narrativa dá conta de todo um contexto político, econômico e social excludente no que se refere ao negro no século passado.

Os deslocamentos de Carolina

A partir de agora, tomando a cartografia como ferramenta analítica e apresentaremos os deslocamentos de Carolina Maria de Jesus em sua obra *Diário de Bitita*. Sua narrativa se inicia em Sacramento, interior de Minas Gerais, sua cidade natal, lugar este que, de acordo com Frasson (2016), foi uma importante rota de pessoas em trânsito, retirantes nordestinos e ex-escravos, fato este que perpassa diretamente a vivência de Carolina, visto que seu avô constantemente relatava suas histórias enquanto escravo, como podemos observar no excerto abaixo:

No mês de agosto, quando as noites eram mais quentes, nos agrupávamos ao redor do vovô para ouvi-lo contar os horrores da escravidão. Falava dos Palmares, o famoso quilombo onde os negros procuravam refúgio. O chefe era um negro corajoso de nome Zumbi. (JESUS, 1986, p. 58).

As memórias e a ascendência de Carolina Maria de Jesus surgem por meio das memórias das memórias do seu avô, num fenômeno que podemos classificar como pós-memória, a memória passada de geração em geração (HIRSCH, 1997). Essa estratégia serve para construir uma história afetiva da escravatura ou, por outras palavras, numa história contra factual.

Nota-se que Sacramento/MG possui significativa carga histórica nacional, mas também constitui a vivência pessoal de Carolina. Como já foi citado, Carolina estudou somente até aprender a ler e escrever, sendo que após dois anos de escola, foi para Uberaba, também no interior de Minas Gerais:

Um dia apareceu um homem na cidade. Disse que estava procurando uma mulher para viver com ele na fazenda. Que não era possível para um homem viver numa roça sozinho. Perguntou se minha mãe queria viver com ele. Ela aceitou.

Ele disse que o lugar apropriado para os pobres é na roça. Que a vida no campo, além de ser mais saudável, é mais simples. A vida na cidade era difícil porque tínhamos que comprar de tudo.

Ele foi procurar um fazendeiro, que o aceitasse como colono. Íamos residir na fazenda Lajeado, nas imediações de Uberaba. (JESUS, 1986, p. 128).

Em Uberaba (MG), Carolina, sua mãe e seu padrasto vivenciaram a fartura, trabalhavam e em troca receberam um pedaço de terra, onde cultivavam seu próprio alimento. Ali ficaram durante quatro anos, até que o fazendeiro os expulsou das terras, alegando que sua família não dava lucros para a fazenda.

A partir dessa narrativa, é possível pensarmos em uma interface histórica brasileira, o êxodo rural do negro, também citado por Carolina, em que “só os italianos tiveram permissão para plantar no meio do cafezal, e vendiam o excesso de suas produções” (JESUS, 1986, p. 50).

Depois da expulsão da fazenda, voltaram para Sacramento (MG), onde, nas palavras de Carolina (1986, p. 138), “apareceu um preto procurando empregado para trabalhar na lavoura de café no estado de São Paulo”. Partiram para Restinga, interior de São Paulo, começaram a trabalhar numa fazenda, porém, desta vez sofreram inúmeras explorações. A fome novamente se fez presente, por isso, partiram para Franca, também interior de São Paulo, onde a mãe de Carolina havia conseguido um emprego de doméstica. Porém novamente passaram por dificuldades, sem ter onde morar, o dinheiro não era suficiente para alimentação de todos. Novamente retornaram à cidade natal de Carolina, Sacramento (MG).

Dessa vez, Carolina e sua mãe conseguiram empregos de cozinheira e lavadeira, na cidade de Conquista, interior de Minas Gerais, mais uma vez experimentaram a fartura, entretanto, após o retorno de uma viagem que a patroa fizera, esta despediu as duas, e novamente se viram na necessidade de retornar a Sacramento (MG).

A partir de agora, Carolina começa suas movimentações sozinha, retornando para Uberaba (MG) em busca de recursos médicos, já que havia sido acometida de feridas nas pernas. Foi acolhida na Santa Casa de Misericórdia, hospedando-se num asilo de freiras. Uma das freiras, irmã Augusta, presenteou Carolina com vários livros. Sem sucesso no tratamento, retornou a Sacramento. Ainda doente viajou para Ribeirão Preto, interior de São Paulo, ficando apenas seis dias hospedada na casa de uma tia, que não a acolheu bem. Incomodada com a receptividade da tia, Carolina parte para

Jardinópolis (SP): sem dinheiro para passagem, foi a pé, percorrendo cerca de 33 quilômetros. Chegando na referida cidade foi novamente acolhida em uma Santa Casa, onde recebeu o devido tratamento para suas feridas. Depois partiu para Sales de Oliveira (SP), onde trabalhou por quinze dias como doméstica, após isso, sua patroa a despediu, porém, disse ter arrumado um emprego para ela na cidade de Hortolândia (SP), novamente trabalhando como doméstica. Não ficou lá muito tempo, partiu outra vez para sua cidade natal, Sacramento (MG), levando consigo vários livros velhos que havia no quartinho onde tinha dormido. Chegando em Sacramento, foi recebida com hostilidade pelos seus familiares, como pode ser observado no seguinte fragmento:

Decidi seguir para Sacramento. Levei os livros velhos que estavam no quartinho para eu ler. Quando cheguei na minha cidade, fui recebida com hostilidade pelos meus parentes. Eu já estava mais inteligente e observava as fisionomias rancorosas. Pensei: “Eles não sentem saudades” (JESUS, 1986, p. 176).

A partir dessa narrativa, é possível estabelecermos conexões com o já discutido por Almeida (2015, p. 68), no que se refere ao retorno ao “para casa”, onde após o processo diaspórico, “o lar se torna tanto o local de descoberta de si mesma quanto o ponto sem volta”, ou seja, a “família” e o que é “familiar” são moventes, assim como o indivíduo. Carolina ao retornar à cidade natal, já não era mais a mesma. Essas experiências foram ruins, mas ela própria considera que a deixaram mais inteligente e modificaram sua percepção de mundo e de si mesma. E são transformações que ocorreram nos dois sentidos, pois seus parentes também não a consideravam mais a mesma Carolina. Almeida (2015, p. 70) salienta que:

[...] o lar pode dar origem a um sentimento contraditório tanto de pertença e segurança quanto de deslocamento e terror [...] é impossível voltar para casa de novo, no sentido que o lar imaginado nunca será o mesmo depois da diáspora e do trânsito, pois uma cultura nunca se repete perfeitamente longe de casa.

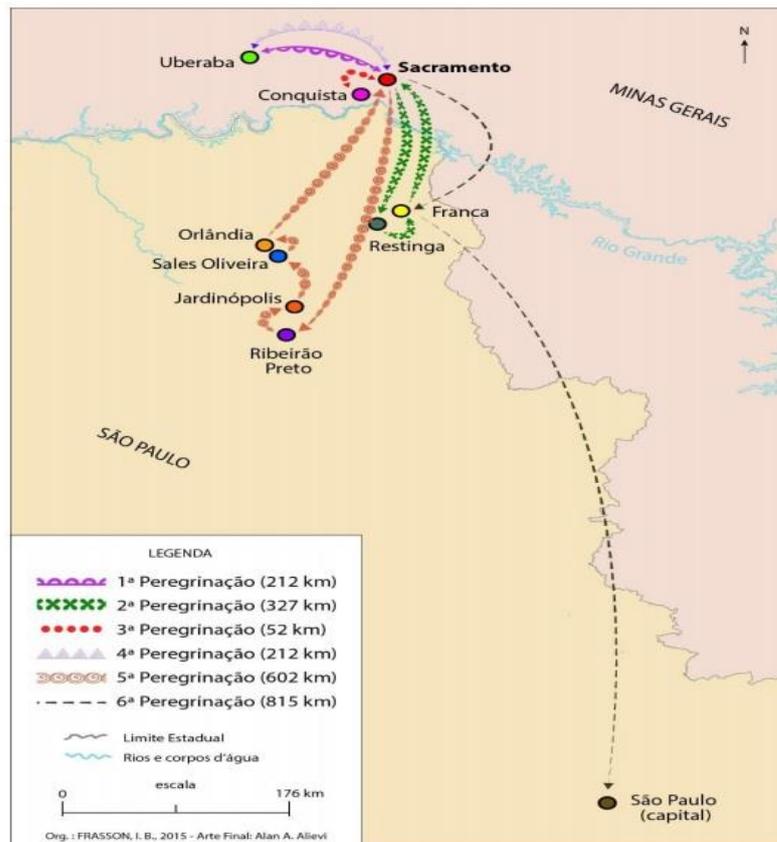
Após ser tratada com hostilidade em sua terra natal, Carolina parte novamente para Franca (SP), onde conseguir trabalho foi difícil. Chegou a passar fome, até que soube de uma professora que estava à procura de uma criada para trabalhar na capital. Carolina relata que ficou extremamente feliz; afinal, seu sonho era ir para São Paulo.

Até que enfim, eu ia conhecer a íclita cidade de São Paulo! Eu trabalhava cantando, porque todas as pessoas que vão residir na capital do estado de São Paulo rejubilam como se fossem para o céu (JESUS, 1986, p. 202).

Assim termina seu relato autobiográfico, com a promessa de uma vida melhor na capital; São Paulo é vista como a terra prometida, onde os pobres têm oportunidades. Sabemos, pela leitura das outras obras de Carolina, sobretudo em *Quarto de despejo* (1960), que as esperanças depositadas na cidade de São Paulo não corresponderam às expectativas, pois o espaço da favela mostrou-se ainda mais excludente, não propiciando o pertencimento tão desejado.

Contudo, o mapa abaixo ilustra os deslocamentos vivenciados pela autora e também deixa evidentes as etapas de sua biografia.

Figura 1 – Representação cartográfica dos deslocamentos de Carolina



Fonte: FRASSON, 2016.

Foram 16 deslocamentos de Carolina em *Diário de Bitita*, sempre como mão de obra ou em busca de tratamento médico, isto é, foram deslocamentos forçados, o que parece ser um desdobramento da diáspora dos povos negros. A maioria dos lugares percorridos por Carolina já apresentava significativo histórico de idas e vindas de grupos marginalizados, como negros e nordestinos. Nota-se que os caminhos percorridos por ela carregam em si significativa carga histórica, haja vista que dos anos 30 até a década de 70 ocorreram enormes transferências de população do meio rural com destino às fronteiras agrícolas (BAENINGER, 2005). Ao observar a representação cartográfica dos deslocamentos de Carolina percebemos que suas migrações se deram entre territórios fronteiriços e conhecidos pela atividade agrícola.

Em relação a seu romance *Pedaços de fome* é possível tentarmos estabelecer correlações entre o trânsito de Carolina, suas vivências e concepções de mundo com o processo diaspórico da personagem fictícia.

A personagem protagonista do romance, Maria Clara, é uma menina mimada, filha de um importante coronel do interior do Brasil. Filha única, é privilegiada pela fortuna e pelo respeito imposto pelo pai, mas é infeliz, porque não pode desfrutar da vida por ser extremamente protegida, por não possuir localidade própria, como vemos no seguinte fragmento:

Recolhida nos seus aposentos, construído especialmente para ela, Maria Clara evocava o seu passado na escola, com grande ressentimento. Era considerada a melhor aluna da classe. Se errava nas lições não era castigada. Era aprovada em tudo. Reinava na classe e nunca foi castigada e recebia as melhores notas. Ninguém mencionava seu nome. Dizia: “-A filha do coronel”. Quando atingiu a juventude com seus sonhos deslumbrantes, a reserva com que lhe tratavam foi magoando-lhe profundamente. Ninguém ousaria tocar-lhe. A filha do coronel era uma boneca de porcelana (JESUS, 1963, p. 22).

O fragmento supracitado nos permite lembrar de Almeida (2015, p. 58), que aponta para o fato de que a mulher tradicionalmente se encontra em uma constante diáspora, “sua localidade nunca é sua própria, mas sim depende daquela de seu pai, marido ou filhos”.

Maria Clara conhecerá o farsante Paulo Lemes, por quem se apaixona, e que pensa ser um importante dentista da capital São Paulo. Entretanto, o rapaz, além de mentir para ela e para sua família, leva Maria Clara para morar em um cortiço na cidade

grande, onde vivia às custas de uma tia. É assim que Carolina relata o início da trajetória da protagonista. A personagem será obrigada a sobreviver em um mundo que ela nem sabia que existia e forçadamente aprenderá a valorizar a independência e a perceber que a vida é bem mais difícil do que pensava.

Observa-se no romance que o processo diaspórico de Maria Clara em muito se assemelha ao de Carolina. Embora a ida a São Paulo tenha se dado em circunstâncias distintas, a personagem expressa a mesma visão da capital como sendo a terra prometida, como nos seguintes fragmentos:

Fala-me de São Paulo! Ouço dizer que é uma cidade empolgante, a princesa do Brasil, que o paulista é um bom filantrópico, é laborioso e amigo do progresso (JESUS, 1963, p. 34).

[...] Quem nasce em São Paulo tem possibilidades de aprender um ofício, porque São Paulo é a Capital da indústria. E todos encontram trabalho. Quem nasce em São Paulo nasce em um escritório de ouro por ser bom elemento (JESUS, 1963, p. 35).

A mentira de Paulo Lemes e a obrigação de morar em uma favela de São Paulo desenharam um panorama de pobreza, fome, falta de emprego e marginalidade que nos remete diretamente às situações descritas por Carolina em sua própria chegada na capital paulista. Ou seja, são aspectos descritos mais detalhadamente em *Quarto de despejo*, texto em que ela conta como passou a morar na favela, vivendo como catadora de recicláveis, e como, inclusive, enfrentou condições de escravidão e fome.

É possível sugerirmos que a experiência diaspórica de Carolina, bem como sua movimentação cartográfica rumo à capital de São Paulo foi expressa em seu romance, visto que, para Bastos (1998, p. 01), o romance não é neutro, o espaço geográfico no romance se coloca de acordo com a ótica e as vivências do autor.

Dessa forma, podemos considerar que a movimentação cartográfica de Carolina se funde com sua ficção e sua autobiografia, fazendo ecoar tanto sua própria voz, como várias outras vozes marginalizadas e em trânsito nos mais distintos espaços, do interior à capital, do sonho de uma vida melhor à favela. Sendo assim, as peregrinações da narradora demonstram não apenas deslocamentos físicos, mas também sociais e históricos.

Considerações gerais

Por fim, o que propomos aqui foi uma leitura possível acerca das movimentações de Carolina, sob uma perspectiva cartográfica, afinal, conforme Moretti (2003, p. 18), a boa cartografia deve permitir mais do que uma única linha de pensamento. Lançar um olhar cartográfico nos permitiu entrever que os deslocamentos da escritora foram forçados, visando sempre o trabalho/subsistência ou a busca de tratamento médico, além disso, permite apreender os modos pelos quais a escritora reveste de significado os espaços percorridos por ela. Ademais nota-se São Paulo como a terra prometida que não correspondeu às expectativas.

Saltando o muro da voz subalterna, Carolina se fez ouvir, fazendo-se voz ativa e alta; suas obras, sua vida, sua escritura, seu traço abalam as estruturas tidas como “oficiais” da literatura, abalam inclusive a estrutura e os valores socioculturais. Elas também colocaram em xeque as relações de poder, relações estas que segundo Lavorati (2014, p 178), “definem quem tem a autoridade de falar, deixando todo o “resto” impotente, esquecido, no silêncio”. Carolina rompe o silêncio que foi imposto a ela, e em seu rastro ecoam vozes de seus pares, vozes que fizeram com que se questionasse o instituído como literatura. Pode-se imaginar que a autora sofreu os ataques por conta desse rompimento do lugar que lhe foi imposto, em consequência de preconceitos de classe, raça e gênero, tão presentes na nossa sociedade e em suas narrativas.

Referências

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. *Cartografias Contemporâneas: espaço, corpo, escrita*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.

ARRUDA, Aline Alves. *Carolina Maria de Jesus [manuscrito]: projeto literário e edição crítica de um romance inédito*. Tese de doutorado – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

BAENINGER, Rosana. São Paulo e suas migrações no final do século 20. *São Paulo em perspectiva*. São Paulo, v. 19, n. 3, p. 84 – 96, 2005.

BASTOS, Ana Regina Vasconcelos Ribeiro. Espaço e literatura: algumas reflexões teóricas. *Revista Espaço e Cultura*. Rio de Janeiro, n. 05, 1998.

CAMBRAIA, Cláudia; LOUSADA, Isabel. *A voz silenciada da literatura brasileira*. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013.

DALCASTAGNÈ, Regina. Para não ser trapo no mundo. As mulheres negras e a cidade na narrativa brasileira contemporânea. *Estudos de Literatura Contemporânea*, n.44, pp.289-302, 2014.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. *Revista Palmares*. Brasília/DF, ano 01, n. 01, 2005.

_____. Depoimento. DUARTE, Eduardo de A.; FONSECA, M. N. S. (Orgs.). *Literatura e afrodescendência no Brasil*, vol. 4, Belo Horizonte (MG): Editora UFMG, 2011.

FRASSON, Ivana Bocate. *Na cozinha, o duro pão; no quarto, a dura cama: um percurso pelos espaços na obra de Carolina Maria de Jesus*. Dissertação de mestrado, UEL, Londrina, 2016.

HIRSCH, Marianne. *Family frames: photography, narrative, and postmemory*. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. *Pedaços de fome*. São Paulo: Editora Aquila, 1963.

_____. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1960.

MACEDO, Michel Carvalho. A (auto)ficcionalização em obras de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo. *Estudos comparados de Literaturas de Língua Portuguesa*, nº USP: 8567546. São Paulo, 2016.

MELO, Henrique Furtado; GODOY, Maria Carolina de. Escrivência e produção de subjetividades: reflexões em torno de “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo. *Revista Signótica*, v. 28, n. 1, 2016.

MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu 1800-1900*. Tradução: Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

RIBEIRO, Daniel Melo. *Cartografia literária: uma abordagem cartossemiótica sobre a Guerra dos Tronos*. V Congresso Internacional de Comunicação e Cultura, São Paulo, 2015.

SOUZA, Taise Campos dos Santos Pinheiro de. Poesia feminina subalterna negra: uma voz de resistência. *Nau Literária: crítica e teórica de literaturas*. PPG-LET-UFRGS. Porto Alegre, Vol. 9, nº 01, jan/jun2013.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Perreira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

DIÁRIO DE BITITA (1986) AND PEDAÇOS DE FOME (1963) OF CAROLINA MARIA DE JESUS IN THE LIGHT OF LITERARY CARTOGRAPHY

ABSTRACT

The present article has as its objective, from the light of the literary cartography, proposed by Franco Moretti, to think about space-time displacements by the afro-brazilian writer Carolina Maria de Jesus, having the works *Diário de Bitita* (1986) and *Pedaços de Fome* (1963) as the corpus of the research. By having a look for the cited articles, allow us to detect that the appointments from the author was targeted to look always the Job/Subsistence or the search for medical treatment, besides that, allow us to learn the ways of the author that gives significance to the spaces she approached. In addition, evidences São Paulo as the promised land that didn't reach the expectations. What we propose was just a possible reading above the appointments of Carolina, from a cartographic perspective, after all, according to Moretti (2003), the good cartography must permit more than an only way of thinking.

Keywords: Literary Cartography, testimonial literature, autobiography, Carolina Maria de Jesus.

Recebido em 30/09/2018.

Aprovado em 26/11/2018.